

Ciência e Religião: tensões e cumplicidades

ARTUR MORÃO

S E aceitarmos a tese dos que defendem o pós-Iluminismo (encontra-se já erodida a forma de racionalidade dos tempos modernos), abrem-se perspectivas novas para um reapuramento das relações entre Ciência e Religião.

De certo modo, e apesar da fermentação do sagrado na sociedade actual, vivemos numa era pós-religiosa que possivelmente ainda não esgotou todas as virtualidades do processo de secularização (Será tal possível?).

Por outro lado, as consequências culturais do progresso científico (historicização extrema de toda a cultura, inclusive da ciência enquanto conhecimento, indiscernibilidade e inabarcabilidade do universo do saber nas suas linhas estruturais e nexos internos, crise ecológica, superpopulação, incalculabilidade crescente do âmbito civilizacional do futuro, etc.) originaram em muitos núcleos da sociedade - como revelam estudos demoscópicos - uma vaga de anticência e de desconfiança para com os cientistas que, por seu turno, cada vez mais interferem nas nossas vidas.

O contexto das relações entre Religião e Ciência encontra-se hoje, pois, modificado. No passado, entre a religião e a Ilustração - de que a ciência parece ser um fruto lídimo mas não exclusivo - reinou de preferência um antagonismo militante.

Talvez este se tenha agora transformado em indiferença táctica - se descontarmos atitudes pontuais e singulares, tributárias de contextos filosóficos e culturais já ultrapassados. A irrupção, em múltiplas disciplinas, de teorias científicas verdadeiramente revolucionárias - para lá das suas aplicações práticas e tecnológicas - desencadeia, com o seu potencial de visão ontológica inédita, um ror de questões filosóficas, e não só. Até o problema teológico parece adquirir uma nova actualidade.

Mas que tipo de relação estabelecer entre Religião e Ciência? No recinto de discussão, umas vezes polémica e virulenta, outras mais irénica e lúcida, é possível distinguir - segundo Ian G. Barbour - quatro padrões nucleares: *conflito*,

Paradigmas científicos não-deterministas

ANTONIO MARQUES DE CARVALHO —

As normas tradicionais têm implícita a previsibilidade das consequências das acções e a possibilidade de selecção de alternativas comportamentais num espaço discretizável. Mesmo quando se introduz incerteza associada à qualidade do conhecimento das situações ou da sua evolução admite-se a viabilidade da distinção entre as condutas prudentes e as temerárias. A dificuldade de, em muitos destes casos, formular juízos de culpabilidade levou à definição de normativa de responsabilidade civil objectiva. A natureza não-determinista da mecânica quântica, que explica os fenómenos atómicos (química) e subatómicos (física nuclear), vem colocar problemas diferentes à normativa das actividades e à abordagem dos correspondentes comportamentos de risco: o novo quadro conceptual não pode continuar a aceitar o axioma da existência de limiares separando os domínios das variáveis causais entre zonas de segurança e zonas de risco. Só um maior diálogo entre os cultores das ciências físicas e das ciências humanas permitirá aperfeiçoar as propostas, que vão surgindo, para superar estas dificuldades, através de princípios de optimização envolvendo necessidades e valores individuais e colectivos, aplicados num quadro de relações causa-efeito de tipo estocástico. □

independência, diálogo, e integração. (*Religion in an Age of Science*, Londres, SCM Press 1990). Implicam cada qual pressupostos metafísicos e gnoseológicos diferentes, que importa ter em consideração para de um modo conveniente se poderem aquilatar.

São de preferir os três últimos; favorecem a perspicácia epistemológica e respeitam as regras e limites metodológicos de cada disciplina, ao mesmo tempo que convidam ao esforço intelectual, jamais completo, de realizar uma sinopse ontológica processual, nunca perfeita, repleta de tensões e de lacunas, sempre provocadora, dramática, mas apontando para uma experiência unitária pessoal da realidade em que os elementos perceptivo, teórico, prático, ético, estético, técnico, social e linguístico se conjugam, com tudo o que têm de explícito e de implícito, de constatação e de convenção, de real e de imaginário, de probatório e de decisionista, de verdade e de ilusão.

Religião e Ciência têm cada qual uma relação específica e deveras matizada com a Ilustração.

Na situação actual, resultante da convivência histórica assaz turbulenta das duas, e face a perigos inéditos que o uso depravado do aparelho tecnológico e científico pode trazer à humanidade, se o seu imperialismo intrínseco e a sua ética do poder não forem iluminados por uma ética do serviço e do não-poder, a Religião, purificada dos sedimentos e resíduos meramente extrínsecos do passado, das confusões epistemológicas quanto às competências, respeitadora da liberdade (individual e colectiva) e promotora da autêntica comunidade, defensora de uma emancipação humana integral, inscreve-se nas condições sustentadoras da nossa cultura contemporânea, onde sobrevive ainda o melhor do iluminismo - a aspiração à liberdade e à autonomia pessoal, mais do que a sua racionalidade unilateral.

Mas só o poderá ser no diálogo profundo com a civilização científica, que, por seu turno, não é por si só e de modo automático fonte de sentido, nem poderá desfazer, antes intensifica, a experiência da contingência, raiz da Religião. □